

O ACERTO DE CONTAS DO BRASIL COM LULA

Para Luiz Inácio Lula da Silva, o ano de 2026 não é apenas o fim de um ciclo administrativo, é o desmoronamento de uma estética política. O velho populismo, aquele baseado na retórica de "nós contra eles" e em metáforas de palanque, parece ter batido no teto de vidro da realidade. Não adianta mais gastar bilhões em propaganda governamental ou tentar maquiar a economia com números que o cidadão não vê quando vai ao supermercado. Hoje, a maioria do Brasil rejeita Lula. E não se trata apenas de uma questão ideológica, mas de um cansaço pragmático.

As recentes pesquisas são o termômetro de um governo febril. Quando o Datafolha aponta que 46% da população rejeita o presidente, e a Genial/Quaest eleva esse índice para 56% entre aqueles que o conhecem, o que vemos é o derretimento do capital político em tempo real. O comparativo é cruel: em janeiro de 2025, a rejeição era de 49%. Um ano depois saltou para 54%. Esse crescimento contínuo mostra que o eleitor não está apenas insatisfeito; ele está se desconectando emocionalmente do projeto petista.

O isolamento de Lula vai além das estatísticas, é também um afastamento diplomático e simbólico. O episódio da posse de José Antonio Kast no Chile foi um divisor de águas. Ao boicotar a cerimônia apenas porque Flávio Bolsonaro estaria presente, Lula abandonou o papel de chefe de Estado para se comportar como um militante acuado, uma liderança que tem medo do confronto de ideias. Flávio, por outro lado, ocupou o vácuo, projetando-se como a face de um Brasil que busca novas alianças, enquanto Lula enviou meros emissários de segundo escalão, apequenando a tradição diplomática brasileira por puro ego.

No plano interno, a ferida é ainda mais profunda porque atinge os mais vulneráveis. A tentativa de Lula de pedir que seu filho, Fábio Luís, o Lulinha, "mate no peito" a questão do INSS para blindar a imagem do governo, não funciona. As digitais já estão na cena do crime. Milhões de aposentados foram assaltados sistematicamente por uma quadrilha, e as revelações de depoentes que faziam parte dela sobre mesada, viagens e vantagens para o filho de Lula trazem à memória popular episódios anteriores como o Mensalão e o Petrolão.

A revolta do cidadão aumenta com o estilo de vida da corte em Brasília. Enquanto o brasileiro médio escolhe entre pagar a conta de luz ou comprar carne, o governo torrou mais de R\$ 1,4 bilhão em cartões corporativos. É a prova final de que a elite petista se serve do povo quando deveria servi-lo. É a festa paga com o dinheiro de um povo que não tem o que comemorar.

Por fim, há o capítulo sombrio da segurança pública. O Itamaraty implorando ao governo americano para não classificar facções como o PCC e o Comando Vermelho como organizações terroristas é, talvez, o maior atestado de inversão de prioridades. O governo parece mais preocupado em garantir que o crime organizado não sofra sanções internacionais do que em proteger o cidadão que vive sob o toque de recolher. Lula vira as costas para a dor da mãe que perde o filho para o tráfico.

O grande pesadelo de Lula é o espelho da realidade. O autointitulado "pai dos pobres" não engana mais.

O Brasil de 2026 não é mais o terreno fértil para o populismo messiânico. Outubro está logo ali, e o acerto de contas promete ser o momento mais lúcido da nossa história recente.

- **Erosão do capital político:**

Crescimento contínuo da rejeição popular indica desgaste do lulismo e perda de conexão emocional entre o eleitor e o projeto político do governo.

- **Isolamento e desgaste institucional:**

Posturas diplomáticas e episódios políticos recentes reforçam a imagem de isolamento do governo e enfraquecimento simbólico da liderança presidencial.

- **Crise moral e social:**

Escândalos, denúncias envolvendo o INSS, gastos públicos elevados e a sensação de impunidade ampliam a revolta popular e aprofundam a crise de legitimidade.

